

## FINALMENTE, APRENDER PARA A VIDA!

Noeli Marangoni\*

Há algum tempo, estamos falando e trabalhando na construção do conhecimento, posicionando-nos contra decorebas, questionários e tudo o que pode massacrar os alunos. Insistentemente, temos buscado o aprender a aprender, o ensino contextualizado.

Por vezes, alguns pais nos questionaram, lembrando seu próprio tempo acadêmico, no qual o ensino era bem diferente e propiciava mais aprendizagem. Sim, realmente, os tempos são outros!

O fato de alguns pais acharem que aprendiam mais e melhor deve-se ao modelo anterior: décadas atrás, não recebíamos tantas informações como hoje, e a tarefa das escolas era apenas da educação formal, de questionários e decorebas; conseqüentemente, a impressão que tínhamos era de que aprendíamos mais e melhor. No entanto, as exigências do mundo atual são bem diferentes daquelas das décadas de 1960, 1970, 1980; basta compararmos a destreza das crianças diante de um computador com a nossa destreza, por exemplo.

O mundo atual não nos exige apenas informação e conhecimento, como em tempos atrás, mas exige uma postura e uma ação a partir do conhecimento e das informações; por isso, sempre insistimos muito no estudo em casa, na elaboração de resumos e na aprendizagem contextualizada.

Nesse contexto, finalmente, as coisas começam a funcionar atendendo à nova demanda, e já aparece a possibilidade de acabar com o vestibular.

Segundo Cláudio de Moura e Castro\*, o vestibular atual é inconveniente e, o pior, massacra o Ensino Médio, sendo uma influência funesta. O Ensino Médio vê-se atraído diante das orientações vagas dos parâmetros curriculares e da realidade concreta do vestibular, cuja presença de perguntas ardilosas pressiona ao ensino de tudo o que possa aparecer na prova, incluindo decorar palavras e fórmulas. Ou seja, para se “pescar os melhores”, arrasta-se todo o ensino para a superficialidade de decorar.

Portanto, mudar o sistema é uma boa idéia. Retirando-se o vestibular, privilegia-se o raciocínio e o conhecimento dos conteúdos centrais que devem

ser aprendidos e dispensa-se a decoreba. O novo sistema poderá se parecer um pouco com o americano, no qual os alunos fazem o teste SAT e recebem um certificado nacional, que indica o tanto que aprenderam na escola. Munidos dele, apresentam-se a diferentes instituições de ensino superior.

Dessa forma, confirmam-se nossos princípios, valores e, principalmente, a forma de trabalho na linha sociointeracionista, que privilegia conteúdos contextualizados, projetos de trabalhos e a construção do conhecimento. Muito mais importante que estocar conhecimento é, sem dúvida, saber ordenar tantas informações disponíveis e chegar a uma conclusão, valendo mais a capacidade de solucionar problemas da vida real do que conhecimento acumulado.

Com isso, o aprender deve ser constante, e não apenas para realizar provas e ou avaliações; os alunos não devem simplesmente se preparar para uma prova de vestibular, mas sim aprender e preparar-se para ter uma carreira profissional e para viver sua própria vida com harmonia.

---

• Pedagoga com especialização em Psicopedagogia, Programação Neurolinguística e Gestão Escolar.

\* Publicado na Revista VEJA, em 5 de abril de 2009.